

Editorial

Dossiê : Interfaces das artes

A Revista ouvirOUver a partir deste número, já se encontra regimentalmente vinculada aos quatro programas de pós-graduação do Instituto de Artes: Programa de Pós-Graduação em Artes; Programa de Pós-Graduação em Música; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes. Apresenta neste número, artigos recebidos em chamadas abertas de temática livre nas áreas de dança, música, teatro, artes visuais e reunidos sob o tema da Arte e suas interfaces. Tomamos então, a ideia do diálogo entre as áreas das artes e suas interconexões para a organização desse Dossiê, dividido em três blocos temáticos. Na primeira parte, abrimos com cinco artigos cujo foco é a “Interface ensino-aprendizagem das artes”. Tratam-se de artigos que abordam a dança, o teatro, as artes visuais e a música em propostas pedagógicas, experimentações de processos de ensino e reflexões sobre teorias e epistemologias do ensino/aprendizagem nas artes.

A aplicação da educação somática e do construtivismo pós-piagetiano no ensino da dança é o tema do artigo professora e artista da dança, Neila Baldi. A autora centraliza sua reflexão no apontamento de questões epistemológicas que a educação somática e que o construtivismo têm em comum, para pensar em uma pedagogia da dança alternativa. Com estas bases teóricas, defende a possibilidade de trabalhar metodologias de ensino que permitam a aprendizagem tanto de repertórios de dança quanto nos demais conteúdos. O ensino da dança na escola sob a perspectiva do tema saberes docentes é o foco do artigo de Silvia Camara Soter da Silveira e Monique Andries Nogueira. Segundo as autoras a categoria saber docente tem importante papel na trajetória dos docentes de dança e tornou-se central no campo da formação de professores, mesclando saberes constituídos tanto no ensino formal como no não formal.

Ainda com foco no ensino/aprendizagem, o artigo das educadoras Júlia Caroline de Matos, Érica Dias Gomes e Daiane Solange Stoeberl da Cunha, investiga a compreensão de alunos de um curso de formação de docentes, sobre as obras audiovisuais “Nome” e “Carnaval” de Arnaldo Antunes. O questionamento que o artigo traz é como desenvolver um trabalho de sensibilização, investigação e criação em sala de aula que envolva fruição, reflexão e produção como forma de apropriação dos conteúdos.

O Ensino-aprendizado do ator está presente na discussão proposta por Gilberto dos Santos Martins. Enfocando na dialética da formação do ator, Martins observa os procedimentos adotados na escola de teatro, no período de aprendizado de técnicas e conhecimentos que servirão como base para a vida profissional de um aprendiz da arte de interpretar/representar.

André Campos Machado aborda a prática do Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais nos Conservatórios Estaduais de Música Mineiros. Com base na bibliografia consultada, aponta as vantagens e desvantagens desta modalidade de ensino e levanta questionamentos sobre a obrigatoriedade e a quantidade excessiva de semestres desta metodologia imposta pela Secretaria de Estado da Educação através da Resolução 718/2005 e Orientação Conjunta SB-SG 01/2008.

Na segunda parte, contemplamos o tema “Interfaces arte, cultura e sociedade”, que em cinco artigos, apresenta estudos e reflexões das relações entre o fenômeno artístico e a dinâmica sociocultural. Nessa seção as “Interfaces arte, cultura e sociedade” se apresentam em abordagens da música, das artes visuais, do teatro e da criação literária.

Com base na consulta a artigos de jornais que circularam em Uberlândia no período de 1888 a 1957, Daniela Cunha e Lília Gonçalves apresentam uma discussão sobre a música como elemento de cultura, de civilização e de progresso na cidade nesse período. São abordadas práticas como o aprendizado de música, de tocar um instrumento (especialmente, o piano) e a de ouvir música em locais como praças, salões, cinemas e rádios. As autoras discutem as relações que as pessoas criaram com a música por meio da prática de frequentar concertos, da aprendizagem do “comportamento adequado” para audições e da própria apreciação musical, consideradas como importantes para uma “elevação cultural”. A ideia de civilização que fundamenta o trabalho é embasada no estudo de Elias e a de distinção social baseia-se na perspectiva de Bourdieu.

Como etapa de uma investigação sobre a relação entre Estado e música, Rafael de Abreu Ribeiro analisa a normativa paulistana referente ao Theatro Municipal de São Paulo produzida durante a Primeira República. A pesquisa realizada revela a importância atribuída ao prédio do Theatro Municipal de São Paulo considerando o “valor monetário despendido em sua construção, manutenção, reforma e medidas de embelezamento do entorno, como a criação de parques, iluminação elétrica, estacionamento e asfaltamento das ruas”. O trabalho ressalta a importância da consulta a legislações como fonte essencial para a Musicologia e afirma, por meio da análise econômica, “que havia uma proximidade entre o Estado e a área da música como atividade comercial, sendo o Theatro Municipal um dos vetores dessa relação”. Seu artigo descreve “a extração de dados junto à Câmara Municipal de São Paulo, relata os problemas encontrados nas fontes documentais e disponibiliza uma análise quantitativa e qualitativa”.

No campo das artes visuais, o debate sobre a função social da arte está presente no artigo de Talitha Bueno Motter. A autora trabalha a partir de três perspectivas para uma função social da arte, desenvolvidas em momentos distintos da carreira de Mário Pedrosa, situados nas décadas de 1930, 1950 e 1960. A partir da análise de três textos, “As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz” (1933); “Arte e revolução” (1952) e “Crise do condicionamento artístico” (1966), verifica a importância da arte como fator descondicionante dos padrões da sociedade e a necessidade da retomada do vínculo da arte com as demais atividades sociais.

“O trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético” é o tema do artigo da atriz, bailarina e investigadora teatral Rocio Del Carmen Tisnado Vargas. Sua perspectiva é a metáfora do sul corpóreo, conceito o qual busca pensar a teoria do sociólogo Boaventura de Sousa Santos com as chamadas Epistemologias do Sul, como ponto de convergência com o fazer teatral, transferindo a metáfora do “sul” ao corpo do ator inserido na prática teatral. A autora apresenta o paradigma de significações que traz consigo a metáfora, as afecções dos desdobramentos na dimensão social contemporânea e a produção de conhecimento desde a ótica de um pensamento “latino-americano”.

Os desafios literários e antropológicos do ato estético materialmente e culturalmente motivado, parece estar contido e revelado na presença física das coisas. Essa afirmação está presente no artigo de Edwige Callios. O trabalho consiste numa análise da criação literária (e antropológica) de Alejo Carpentier. Nossa autora parte da ideia de que há uma relação nova, na contemporaneidade, com os objetos na arte, o que modificou, também, a relação autor-leitor/objeto material-objeto de arte. É isso o que a autora observa em sua análise das técnicas de criação nas obras do artista-escritor Alejo Carpentier. Ela analisa a obra "Recurso do Método" (1974), que, segundo o próprio Carpentier, é um "Discurso do Método" às avessas: Carpentier intervém na dicotomia alma/corpo cartesiana e faz da matéria um método de conhecimento e "uma via de acesso ontológico não somente constitutivo e explicativo dos espaços antropológicos da ficção [...] mas igualmente prefigurativo e anunciativo de um espaço antropológico utópico".

As interfaces, nesse número, apresentam-se também no encontro entre as áreas das artes, colocando ênfase nas abordagens que rompem a clausura da lógica própria a cada arte específica, permutando os vários regimes de sensorialidade (Rancière). Assim, apresentam-se em pares: Música e Artes Visuais; Paisagem e Ficção; Performance e Design; Performance mediada pelo computador; e, por fim, Imagem, Texto e Inteligência Artificial. O artigo de Claudio Horacio Vitale aborda aspectos da música micropolifônica de György Ligeti e estabelece correspondências entre a gradação visual e a gradação sonora a partir das reflexões desenvolvidas por Wicius Wong na área do desenho gráfico. O tipo de análise realizada traz à tona as semelhanças entre imagens e sons, algo comentado por Ligeti em seus escritos e entrevistas. Conforme aponta Vitale, "a ilusão, própria da gradação, é um dos efeitos causados tanto pelas obras de arte de artistas como Escher ou Klee, quanto pelas obras do próprio compositor". O autor conclui que "ao representarmos visualmente processos musicais observamos comportamentos semelhantes; podemos "ouvir" as transformações progressivas de um desenho, como "ver" a construção gradual de uma música".

Juliane Cristina Larsen e Simone Daniele Schepp discutem, com base no trabalho de Arthur Danto, a origem da ideia de "fim da arte" no panorama das artes visuais nos anos 60 do século passado e seu significado para a história da arte. Traçam um paralelo entre a história da música e a história da arte "com o objetivo de verificar se a ideia de 'fim da arte' se aplicaria também à música". Concluem que "alguns pontos de contato podem ser encontrados entre as duas narrativas, e que tanto as artes visuais quanto a música passaram por profundas transformações no limiar dos anos 1970, que implicaram na necessidade de novas premissas para sua análise ocasionando a ruptura com a narrativa tradicional" – o que, segundo as autoras, corresponde ao corte que Danto denominou como "fim da arte".

Os trabalhos e escritos do artista americano Robert Smithson é o tema do artigo de Tatiana da Costa Martins. Nossa autora expõe que em suas propostas, o artista articula noções de paisagem e ficção. Nesse quadro a fundamentação teórica inclui o campo da Arte, da História e da Filosofia. O objetivo se voltou para identificar, analisar a relação entre concepção de criação e efetiva influência da literatura na produção do artista, visando caracterizar o deslocamento e suas adesões às concepções contemporâneas da arte. A metodologia envolveu análise dos termos

paisagem e ficção. O resultado verificou a inclusão das expressões paisagem e ficção na poética do artista.

Adriana V. Sampaio e Manuela B. Taboada trazem a discussão sobre a utilização de bases conceituais dos Estudos de Performance numa aproximação metodológica de pesquisa em Design. O estudo conduz à confirmação da hipótese de que um objeto de Design pode ter múltiplas dimensões, estruturando-se como espaços de sentido—como símbolos oriundos de ação reflexiva—de acordo com cenários específicos. Isso significa redirecionar o pensar Design, criando realidades sociais que são encenadas. As autoras afirmam que essa ação performática, entretanto, não deve ser vista como ilusão ou engano, mas sim como uma abertura, um espaço, onde o real e o imaginário se encontram, um lugar de interseção oriundo do gesto, intermediado pelo Design cumprindo seu papel de mediador simbólico.

O campo da ciberformance, subgênero da performance, responde aos atravessamentos que sofre a arte contemporânea, sendo talvez o mais significativo entre eles o uso da tecnologia. Sarah Marques Duarte, parte de algumas problemáticas que surgem quando tratamos da performance no ciberespaço, através de exemplos de obras desenvolvidas no Second Life e reflete sobre as especificidades surgidas desse encontro.

Cruzando imagem, texto e tecnologia, Nikoleta Kerinska apresenta na Seção Autoria seu trabalho LIA (Logos Image autômaton). Trata-se de um projeto de web arte que investiga a colaboração entre o homem e a máquina em processos criativos. LIA é um artista-autômato, ou ainda um artista-artificial, apaixonado pela leitura e pela escrita, que cria imagens a partir da interação com o espectador. Este projeto artístico examina o autômato como um conceito de base na arte computacional, aborda a noção de criatividade definida a partir do funcionamento de uma máquina virtual e se propõe a analisar as possíveis relações entre texto e imagem no contexto digital.

Complementamos ainda este número com três artigos. De Luiza Mader Paladino trazemos a reflexão sobre a relação entre o desenvolvimento das vanguardas artísticas argentinas, ao longo da década de 1960, e a urgência de um novo modelo institucional. O Instituto Di Tella, de Buenos Aires, entidade que protagonizou esse circuito modernizador, se amparou em uma nova modalidade de mecenato cultural privado, ligado aos setores da burguesia industrial, e disposto a apoiar o surgimento de novas vanguardas.

O artigo de Luiz Castelões tem o objetivo de “produzir uma lista descritiva preliminar, mais ou menos exaustiva, de formas de legitimação em música, de modo a organizar a bibliografia preexistente e orientar futuras fases de uma investigação mais ampla sobre o tema”. Os resultados alcançados até o momento buscam “conferir maior profundidade crítica às teorias e práticas da Análise Musical, forjando as bases para uma meta-análise musical”.

Com base em proposições de autores tais como Philip Tagg, Denis-Constant Martin e Paul Gilroy, Leonardo Henrique da Cruz discute a música conhecida com o pseudônimo de « Black Music ». Busca, assim, pesquisar “o desenvolvimento da música afro-americana, cujo conteúdo alimenta diversas pesquisas e discussões teóricas”.

Esperamos com mais este número, fortalecer a revista ouvirOUver como um espaço que tem como missão registrar, disseminar e divulgar a produção de conhecimento artístico-científica por meio de publicação de trabalhos da comunidade acadêmica e artística. Agradecemos aos autores, pareceristas e a todos os que colaboraram com a presente edição e convidamos os leitores à reflexão sobre as artes e suas interconexões.

Beatriz Rauscher (Editora Responsável)
Daniel Luís Barreiro